



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA COMPARADA**

JAIR CRUZ DO NASCIMENTO

**A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO EM *MENINO DE ENGENHO E
MEUS VERDES ANOS*, DE JOSÉ LINS DO REGO**

**GUARABIRA-PB
2013**

JAIR CRUZ DO NASCIMENTO

**A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO EM *MENINO DE ENGENHO E
MEUS VERDES ANOS*, DE JOSÉ LINS DO REGO**

Monografia apresentada em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Especialista, à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, sob a orientação da professora Dr^a. Maria Suely da Costa.

GUARABIRA – PB
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

N546c Nascimento, Jair Cruz do

A Construção do Sujeito em Menino de Engenho e meus
Verdes anos, de José Lins do Rego / Jair Cruz do Nascimento.
– Guarabira: UEPB, 2013.

46 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Letras)
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof^a. Dr^a. Maria Suely da Costa.

1. Literatura Brasileira 2. Infância – Desenvolvimento
3. José Lins do Rêgo. I. Título.

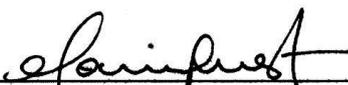
22.ed. CDD 370

JAIR CRUZ DO NASCIMENTO

A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO EM *MENINO DE ENGENHO E MEUS VERDES ANOS*, DE JOSÉ LINS DO REGO.

Monografia apresentada, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Especialista, à Universidade Estadual da Paraíba - Campus III.

Aprovada em: 30 / 08 / 2013



Profa. Dr^a. Maria Suely da Costa
(Presidente - Orientadora)



Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra
Segundo Membro



Profa. Dra. Maria Neni de Freitas
Terceiro Membro

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais que ao longo desta jornada me apoiaram e me incentivaram para que eu pudesse concluir mais uma etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, José oliveira do Nascimento e Maria Cruz do Nascimento, por terem me acompanhado por todo tempo, minuto e segundo, sempre me dando coragem para enfrentar o meu dia-a-dia;

À professora orientadora, Maria Suely da Costa, pelo seu espírito inovador e empreendedor na tarefa de multiplicar seus conhecimentos, pela sua disciplina e pela oportunidade de participação;

A todos os professores e funcionários da UEPB, pelo carinho, pela dedicação e pelo entusiasmo demonstrado ao longo do curso;

Aos colegas de classe pela espontaneidade e alegria na troca de informações e materiais numa rara demonstração de amizade e solidariedade;

E, finalmente, a DEUS, pela oportunidade e pelo privilégio que foram nos dados de compartilhar tamanha experiência e, ao frequentar este curso, perceber e atentar na relevância de temas que não faziam parte, em profundidade, das nossas vidas.

Cada homem vê as coisas com os olhos de sua idade.

(Machado de Assis)

RESUMO

Neste estudo objetivamos estudar as obras *Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos* de José Lins do Rego, tendo como parâmetro o discurso ficcional e o memorialista que perpassam os textos, comparando a visão de infância nos livros *Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos*. Através da linguagem empregada relacionando o tema família no contexto das duas obras, buscamos identificar em qual delas houve maior proximidade do sujeito com o meio social patriarcal, além de identificar o modo como o sujeito (ficcionalista/memorialista) se porta ao longo das obras. Dialogamos com autores como Dabat (2007), Araújo (2002), Vendruscolo (2005), Grubits (1996) e Foucault (2004), dentre outros. Do ponto de vista metodológico, optamos por um estudo de cunho analítico-interpretativo por meio do estudo da enunciação e por meio da organização do sentido nas duas obras, procurando descrever, explicar o que cada texto pontua e como o faz quanto à construção identitária das personagens e Carlinhos e Dedé, tais como o espaço social do engenho, a perda de sua mãe, a solidão, o medo da morte e as experiências sexuais. Os resultados apontam que a construção das personagens em *Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos*, apesar de pertencerem a momentos distintos da produção narrativa de José Lins, guardam traços comuns e identitários da infância aproximados quanto ao papel da família e do meio social nas suas constituições. Porém, não percebemos o alinhamento de uma mesma subjetividade posta para as personagens, ou seja, ambos não expressam os mesmos elementos representativos de sujeitos construídos pelo modelo patriarcal. Apenas Carlinhos mostra características dessa construção.

Palavras-chave: Subjetividade. Literatura. Personagens. Identidade.

ABSTRACT

In this study we aimed to study the works of Mill and My Boy Green Years José Lins do Rego, having as parameter the fictional discourse and that permeate the texts memoirist, comparing the vision of childhood in books Boy Device and My Green Years. Through the language used relating the topic of family in the context of the two works, we seek to identify which one was closer to the subject's social environment patriarchal, and identify how the subject (ficcionalista / memorialista) behaves along the works. Dialogue with authors like Dabat (2007), Araujo (2002), Vendruscolo (2005), Grubits (1996) and Foucault (2004), among others. From the methodological point of view, we chose a study of analytical and interpretative nature through the study of enunciation and through the organization of meaning in the two works, describing, explaining what each text scores and how it does on the identity construction of characters and Charlie and Dede, such as the social space of the mill, the loss of his mother, loneliness, fear of death and sexual experiences. The results show that the construction of the characters in Boy Device and My Green Years, despite belonging to different moments of the narrative production of José Lins, keep traces of identity and common childhood approximate the role of the family and social environment in their constitutions . However, we do not realize the alignment of the same subjectivity brought to the characters, or both do not express the same elements representative of subjects constructed by patriarchal model. Only Charlie shows characteristics of this construction.

Keywords: Subjectivity. Literature. Characters. Identidade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 IMAGENS DA INFÂNCIA NAS OBRAS MENINO DO ENGENHO E MEUS VERDES ANOS	13
2.1 Lembranças na escritura de si em <i>Menino de Engenho e Meus Verdes Anos</i>	15
2.1.1. O engenho	16
2.1.2 A perda da mãe	18
2.1.3 A solidão	19
2.1.4 O medo da morte	20
2.1.5 Experiências sexuais	22
3 CONTRIBUIÇÕES FAMILIARES NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO/AUTOR	25
3.1 O conceito de família	25
3.2 A estrutura familiar	26
4 O PROCESSO FORMATIVO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO EM <i>MENINO DE ENGENHO E MEUS VERDES ANOS</i>.....	34
4.1 O imperativo do “conhece-te a ti mesmo”	34
4.2 A interiorização na construção do sujeito: a identidade apropriada	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

Testemunha da transição na vida rural do Nordeste, desde os tempos de menino de engenho, até meados do século XX, José Lins do Rego apresentou em seus romances o contexto histórico-social da região nordeste, apresentando em sua ficção narrativa de grande significado sociológico e ontológico, a angústia, a solidão, a dúvida e o desespero do homem diante do destino irreversível que a vida apresenta. Além disso, no autor, se somaram, muito naturalmente, o apego à terra, à natureza e à vida da região onde passou a infância e a mocidade.

Neto de um poderoso senhor de engenho, José Lins do Rego conviveu com a transição econômica e cultural de sua época, o que concede ao seu primeiro romance publicado em 1932, *Menino de Engenho*, um tom de biografia, criando personagens muitas vezes inspirados na realidade, como a imagem de seu próprio avô, que deu origem ao personagem Coronel José Paulino. Compreender a alma de sua terra e descobrir sua identidade pode-se dizer que também eram preocupações de José Lins do Rego. Para ele, “organizar a memória pessoal era organizar a própria memória regional, já que esta era esse recorte espacial que nascia da empatia; uma maneira de ser, ver, sentir, falar que se expressava através de seu povo.” (ALBUQUERQUE, 2001, p.133 apud DABAT, 2007, p. 139).

José Lins do Rego escreveu ainda um livro de memórias intitulado *Meus Verdes Anos*, no qual o autor funde fatos comuns de sua infância com lugares e personagens presentes em alguns de seus livros, principalmente de *Menino de Engenho*. É nesse ponto essencial que Castello (2004) pontua a dependência entre o ficcionista e o memorialista José Lins do Rego. Para o autor (2004, p. 398), “[...] a leitura de *Meus Verdes Anos* nos reconduz imediatamente a *Menino de Engenho* sob a impressão de que o primeiro é uma nova versão do segundo ou até que ponto os dois são obras distintas”.

Por outro lado, esse tema tem suscitado discussões e formulações teóricas no campo da literatura e da crítica literária, projetando-se enquanto área de investigação. Castello (2004, p. 399), por exemplo, afirma que *Meus Verdes Anos* “[...] explicam, ampliam e sobretudo comentam *Menino de Engenho*, mantendo-se, porém, de leitura independente, autônoma [...]”, apesar de manter relações analógicas e reminiscentes com a obra ficcional. Também Dabart (2007) apresenta suas formulações, afirmando que *Meus Verdes Anos* trata-se de um complemento,

de diálogo e de confirmação da obra de José Lins do Rego, retomando elementos repetidos não só em *Menino de Engenho*, mas em outras obras do escritor. Massaud Moisés (2001) assinala o ímpeto romântico de José Lins em purgar a meninice e a adolescência por meio das memórias verídicas ou imaginárias em *Meus Verdes Anos*. Em vista do exposto, surgiu o interesse pelo tema desse estudo, motivado pela necessidade de se refletir sobre o processo textual de construção da identidade do sujeito nas narrativas das obras. O interesse está em analisar, na perspectiva da comparação, os aspectos definidores da construção da identidade do sujeito ficcional observando os traços de continuidade e inovação.

Além de vir despertando uma sistemática curiosidade dos estudiosos de literatura por obras de cunho confessional, é pontual que novos estudos possam repensar, criticamente, as abordagens discursivas nas obras estudadas.

A partir da ambiguidade exposta por Castello (2004) o recorte estudado, “Construção do sujeito em *Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos* de José Lins do Rego”, se desenvolve, buscando responder à seguinte problemática: a partir da construção da personagem ficcional, como se porta o sujeito em *Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos*, em dois momentos distintos da produção narrativa de José Lins do Rego? A partir dessa pergunta, somos levados a pensar também nas mudanças ocorridas no momento em que cada obra foi produzida, por exemplo, que traços identitários da infância em *Menino de Engenho* foram resguardados em *Meus Verdes Anos*? Nesse sentido, qual o papel da família e do meio social? A riqueza ambígua dessas obras que não passam despercebidas na leitura e avaliação de seus textos pelos críticos, fornecerá elementos para induzir uma melhor compreensão dos seus enredos.

Tendo, pois, esses questionamentos em pauta, este estudo tem por objetivo principal estudar as obras *Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos* de José Lins do Rego, tendo como parâmetro o discurso ficcional e o memorialista que perpassam os textos. Para tanto, pretende-se focar os seguintes aspectos: comparar a visão de infância nos livros *Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos* através da linguagem empregada pelo autor em seus textos; relacionar o tema família, com sólida equivalência nas duas obras, buscando perceber em qual delas houve maior proximidade do sujeito/autor e identificar o modo como o sujeito (ficcionalista/memorialista) se porta ao longo das obras.

A análise das obras *Menino de Engenho* e *Meus Verdes* será de cunho interpretativa por meio de um estudo da enunciação e por meio da organização do sentido dos textos, procurando descrever, explicar o que cada texto diz e como ele diz. Nesse sentido, o primeiro capítulo da visão da infância nas obras *Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos*, buscando comparar nos textos literários elementos presentes nas duas obras que se fizeram pontuais na construção identitária de Carlinhos e Dedé, tais como o espaço social do engenho, a perda de sua mãe, a solidão, o medo da morte e as experiências sexuais.

No segundo capítulo, tratamos das contribuições familiares na constituição do sujeito/autor, apresentando um perfil das personagens do seu vínculo familiar que se mostraram mais representativas na constituição de sua subjetividade e que marcaram suas imagens nas lembranças de Carlinhos e Dedé, mesmo que de forma idealizada.

No terceiro capítulo buscamos abordar o sujeito (ficcionalista/memoralista) a partir da construção subjetiva de Carlinhos e Dedé na interação com o meio em que vivem, buscando perceber nos discursos narrados a postura que adotam em meio ao sistema patriarcal.

2 IMAGENS DA INFÂNCIA NAS OBRAS *MENINO DO ENGENHO E MEUS VERDES ANOS*

A infância é, sem sombra de dúvidas, o período da vida em que o homem mais aprende, em particular, nos primeiros anos de vida, quando praticamente todo o conhecimento essencial de mundo se desenvolve a partir da experiência sensório-motora. Odores, sabores, texturas, dimensões e proporções espaciais, enfim, de um tudo se aprende: subindo-se em todos os móveis, debruçando-se nas janelas, correndo-se de lá para cá para sentir o vento e os cheiros que vêm com eles, enfim, sendo-se tipicamente crianças. É claro que, para esse aprendizado de mundo, a criança não precisa de ninguém além de si mesma para descobrir o mundo e organizar suas experiências no cotidiano, seu universo de sensações, pensamentos e sentimentos e suas representações que constituirão sua subjetividade (ARAÚJO, 2002).

Nesse sentido, a construção da subjetividade advém de um processo incessante e processual de identificações que o sujeito faz no decorrer de cada etapa de sua vida, inclusive na infância (MOREIRA; JESUS, 2010).

Por outro lado, é importante pontuar que a concepção de subjetividade não se limita à representação de si, à identidade consigo mesma relativamente estável. De acordo com Araújo (2002), o homem se faz a partir do relacionamento com os sujeitos na cultura coletivamente constituída por estes, em um processo de transformação mútua entre indivíduo e sociedade, entre o sujeito e o outro, opondo-se à precária noção da existência de um sujeito que a si mesmo se pondo como critério último e em que seus atos se estabelecem com o mundo e com o outro. Nesse sentido, a criança ao manter uma interação o outro (adultos, cultura, sociedade), cuja participação em sua experiência de aprendizagem é determinante, busca a autoridade destes para se apropriarem do mundo ao seu redor. Para Senna,

A compreensão que a criança tem de tudo que vive diariamente é determinada pelo estado de prontidão de sua mente, de modo que praticamente tudo com que interage se converte em conceitos parciais, tanto mais porque, além de se entenderem as coisas como coisas, é preciso entendê-las como fatos sociais, com valores que não se comem, não se vêem ou trocam, totalmente abstratos, variáveis de pessoa a pessoa (SENNA, 2007, p. 60).

Além disso, toda pessoa interage com o mundo e o compreende segundo seus estados mentais e, a criança não se furta de experimentá-lo. Nesse sentido, ela constrói para si um mundo mental em que tudo se explica pelo mágico, e não por causas lógicas ou sociais: é o mundo lúdico.

É importante pontuar que a criança forma a sua identidade enquanto pessoa por meio de mecanismos de transferência e substituição, ela desenha sua personalidade e define para si mesma sua expectativa de vida, suas opções de felicidade e satisfação, somando-se à formação de seus valores enquanto sujeito social. Nesse sentido, ela apresenta desenvolvimento sócio-cultural, resultante de todo o esforço prévio de constituir-se como sujeito para si e para as demais crianças que compartilharam as mesmas experiências.

Em *Menino do Engenho*, José Lins do Rego, por exemplo, apresenta a infância do menino Carlos de Melo em constante interação com os moleques do engenho, companheiros das travessuras que sabiam muito mais sobre a vida, tinham muito mais experiências e eram mais livres que o narrador:

[...] o interessante era que nós, os da casa-grande, andávamos atrás dos moleques. Eles nos dirigiam, mandavam mesmo em todas as nossas brincadeiras, porque sabiam nadar como peixes, andavam a cavalo de todo jeito [...] tudo eles sabiam fazer melhor do que a gente; soltar papagaio, brincar de pião, jogar castanha. Só não sabiam ler. Mas isto, para nós, não parecia grande coisa [...] (REGO, 1994, p. 55)

Mas, não só a interação ocorria com os moleques, mas também com seu avô, tios e tias, homens e mulheres do engenho, negras que se prestavam também como objeto sexual para saciar a lubricidade daqueles que residiam na casa-grande e figuras místicas da credence popular. Assim é que a subjetividade de Carlos vai-se esboçando ao mesmo tempo em que o romancista narra sua trajetória.

Também em *Meus Verdes Anos*, composição literária que traz à tona a experiência vivida anteriormente pela lembrança dos tristes dramas vividos na infância do seu autor, José Lins do Rego, temos, por meio das lembranças do narrador ficcional, a presentificação do passado inscrito por marcas históricas desse indivíduo e de sua cultura. Assim como em *Menino do Engenho*, em *Meus Verdes Anos* os espaços se apresentam carregados de conteúdos afetivos e simbólicos que compõem experiências, pensamentos e sentimentos os quais se exteriorizam em coisas e eventos funcionando como mediadores necessários à aproximação do

narrador com o outro, atribuindo significado às experiências vividas e à construção da identidade do memorialista.

2.1 Lembranças na escritura de si em *Menino de Engenho e Meus Verdes Anos*

Menino de Engenho é a história de uma criança, Carlos de Melo, órfão de pai e mãe e que, aos quatro anos de idade passa a viver com o avô, Coronel José Paulino. A narrativa é permeada por lembranças de sua trajetória na infância.

Embora o romance seja escrito com distanciamento temporal – Carlos já adulto recorda-se da infância -, o relato segue a perspectiva da criança: órfã de mãe, assassinada pelo pai demente, ela é criada pela tia Maria, no engenho do avô materno, coronel José Paulino, figura patriarcal muito forte, que continuava a ter poderes como nos tempos da escravidão.

Triste e doente, e com complexo de orfandade, Carlinhos cresce dividido entre os cuidados de menino doente e a liberdade encontrada com os primos e os moleques da bagaceira (local junto ao engenho de açúcar onde se juntava o bagaço da cana). Esses elementos é que vão marcar sua subjetividade, como ele pontua:

[...] a morte de minha mãe me encheu a vida inteira de uma melancolia desesperada [...]. Pensava sempre em minha mãe diante de qualquer coisa triste. Esta lembrança vinha-me acompanhando em todos os caminhos de minha sensibilidade em formação” (REGO, 1994, p. 07).

Na atividade representativa da sua infância, Carlinhos estabelece uma série de relacionamentos e articulações entre os objetos representados e os demais objetos presentes em seu universo interior. Este processo psíquico busca tornar familiar um objeto que está distante e, de certo modo, ausente. Nesta busca, a personagem/narrador estabelece vínculos entre esses objetos, transformando-os mutuamente.

É nesse contexto que o espaço do Engenho pode ser visto como um dispositivo cujos processos de subjetivação estão articulados a redes discursivas e regimes de verdades onde o sujeito é produzido e construído dentro de uma coletividade. Esse espaço, portanto, torna-se privilegiado por possibilitar a produção da narrativa identitária da personagem, visto que, configura na sua imaginação um novo repertório significativo em sua vida:

Eu tinha sido criado num primeiro andar. Todo o meu conhecimento do campo fizera-o nuns passeios de bonde a Dois Irmãos. E era com olhos de deslumbrado que olhava então aqueles sítios, aquelas mangueiras e os meninos que via brincando por ali. As divergências de meu pai com meu avô nunca permitiram à minha mãe fazer uma temporada no engenho. Minha imaginação vivia assim a criar esse mundo maravilhoso que eu não conhecia (REGO, 1994, p. 11).

Percebe-se, já nesse fragmento que o espaço do Engenho à maneira dos contos maravilhosos, levando-nos a inferir que Carlinhos buscou uma identificação imediata e de sentido suficientemente coerente a sua idade diante do novo contexto a que estava se inserindo, como se observa no fragmento: “[...] com uns dias mais eu já estava senhor da minha vida nova” (REGO, 1994, p. 45).

2.1.1 O engenho

No decorrer do romance, a representação que Carlos de Melo faz do Engenho Santa Rosa é que este seria um mundo perfeito onde a harmonia reinava e onde as personagens eram quase que exclusivamente boas, a exemplo de um conto de fadas:

A minha mãe falava-me sempre do engenho como de um recanto do céu. E uma negra que ela trouxera para criada sabia tantas histórias de lá, das moagens, dos banhos de rio, das frutas e dos brinquedos, que me acostumei a imaginar o engenho como qualquer coisa de um conto de fadas, de um reino fabuloso (REGO, 1994, p. 08).

Neste fragmento o espaço social, representado pelo Engenho, dá indícios já do processo de construção da subjetividade de Carlinhos na primeira infância. O engenho é representado por imagem mental como um reino fabuloso, sendo interiorizada no pensamento da criança que buscava o prazer e a liberdade próprios dessa fase da vida.

Também em *Meus Verdes Anos*, aos olhos de Dedé, o Engenho Corredor surge nos moldes dos contos de fadas, deixando antever em suas letras um mundo de maravilhas fora do tempo e do espaço com seus pássaros e suas borboletas, flores do campo e cheiros da terra e capim verde, como percebemos no fragmento seguinte: “[...] meus olhos se apercebiam das coisas bonitas. Uma borboleta a voar,

uma flor rubra de cardeiro, o cheiro das boninas me pareciam coisas novas” (REGO, 1980, p. 262).

Além do aspecto idílico, o engenho configurava para Carlinhos um império, de onde o coronel José Paulino dirigia e guiava os destinos de todos, sendo o menino considerado pelos escravos e agregados o "coronelzinho"; cujas vontades tinham que ser rigorosamente realizadas.

Em *Meus Verdes Anos* esse traço da infância da personagem ficcional compartilha a infância experimentada por Dedé, neto de um grande proprietário de terras do Nordeste, como é possível perceber na rica descrição da casa grande do Engenho Corredor:

A casa-grande do Corredor não girava em torno da senhora como o Gameleira do dr. Lourenço em torno da tia Maroca. Mas o meu avô era o homem mais rico da família e a sua casa vivia cheia de gente. Aos meus olhos, o Engenho Corredor começava a tomar forma. Tudo nele era grande para mim. A casa rodeada de pilastras. Alpendres cercavam-na por todos os lados. As duas calçadas, uma de tijolo cru que ia até o chão, a outra de cimento como uma cinta abraçando os alicerces [...] Na parede, bem em cima da secretária de madeira dura, um relógio grande. No fundo os armários onde ficavam as pratas e os objetos de mais valia: louças da Índia e vasilhame de metal. [...]

Vinha o corredor que dava para os quartos de dormir. Ao lado, o quarto dos santos todo coberto de estampas e molduras e o santuário grande com as imagens de devoção [...] No fundo ficava o quarto do meu avô. [...] Quando chegava um hóspede, mandavam para o quarto com a cama do imperador. Compraram este móvel para a visita de Pedro II, no ano de sua passagem pelo Pilar. Mas o rei não parara no caminho e chegara à vila antes do tempo, com os cavalos da comitiva cansados. Era uma bela cama de ferro com bolas de metal amarelo nos varais [...] Ao lado uma cômoda francesa, objeto fino com gavetas e segredos. [...] A sala de visitas com duas mobílias. Pelo chão as escarredeiras de louça todas pintadas. E aos cantos os consoles com candeeiros bojudos e mangas de vidro e aparatos de louça colorida (REGO, 1980, p. 17-20).

A partir dessa descrição, é possível afirmar que a imagem do engenho apresentada por Dedé se torna familiar ao se combinar com o tratamento recebido por Carlos de Melo em *Menino do Engenho*. Nas duas obras, o engenho configura como o espaço e o tempo da socialização das crianças que pertenceram a uma família patriarcal, o que singulariza e aproxima suas experiências no meio onde transitam tanto na ficção quanto no livro de memórias, não somente recuperado um tempo passado, mas resgatando também o espaço rural.

2.1.2 A perda da mãe

A evocação da infância em *Menino do Engenho* e em *Meus Verdes Anos* também o transporta a dor da perda da mãe da personagem fictícia, Carlos de Melo, e do narrador, Dedé, respectivamente. No primeiro caso, a mãe, D. Clarice, morre a tiros disparados pai quando o menino tinha quatro anos; No segundo, a perda se dá após um parto, quando a criança (Dedé) ainda engatinhava.

Tanto em uma obra quanto em outra, as narrativas se apresentam eivadas de saudosismo, porém, encontramos referências à imagem materna apenas em *Menino do Engenho*, em que a figura da mãe é reconstituída pelas lembranças de Carlinhos e surge como um anjo protetor, amável com o filho e com as demais pessoas que a rodeavam, porém submissa ao marido. Os excertos a seguir nos dão as indicações de como essa imagem foi construída:

Todos os retratos que tenho de minha mãe não me dão nunca a verdadeira fisionomia que eu guardo dela — a doce fisionomia daquele rosto, daquela melancólica beleza do seu olhar. Ela passava o dia inteiro comigo. Era pequena e tinha os cabelos pretos. Junto dela eu não sentia necessidade dos meus brinquedos. Dona Clarisse, como lhe chamavam os criados, parecia mesmo uma figura de estampa. Falava para todos com um tom de voz de quem pedisse um favor, mansa e terna como uma menina de internato. Ela enchia-me de carícias. E quando o meu pai chegava, nas suas crises, exasperado como um pé-de-vento, eu via-a chorar e pronta a esquecer todas as intemperanças verbais do seu marido. Os criados amavam-na. Ela também os tratava com uma bondade que não conhecia mau humor.

Horas inteiras eu fico a pintar o retrato dessa mãe angélica, com as cores que tiro da imaginação, e vejo-a assim, tomando conta de mim, dando-me banho e me vestindo. A minha memória ainda guarda detalhes bem vivos que o tempo não conseguiu destruir. (REGO, 1994, p. 06).

Em *Meus Verdes Anos*, a imagem da mãe, reconstruída na lembrança do autor refere-se apenas ao momento de sua morte. O discurso memorialístico, pontilhado de fragmentações, reelabora a imagem da mãe apenas a partir da memória coletiva daqueles que lhe contaram sobre a morte de Amélia, conforme relata: “Tanto me contaram a história que ela se transformou na primeira recordação da infância” (REGO, 1980, p. 09). Nesse caso, são pertinentes as palavras de Halbwachs (1990, p. 26) quando afirma que:

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós.

Daí entendermos a ausência de referência sobre sua mãe. O passado que vem à tona da memória de Dedé se mostra deformado, sendo seu discurso pontuado pela dificuldade de se recordar de sua tenra infância, posto que ainda não se via ainda como um ente social.

2.1.3 A solidão

A solidão é um tema recorrente em *Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos*. Tanto Carlinhos quanto Dedé são crianças órfãs, doentes e melancólicas. Em *Menino de Engenho*, a personagem busca refúgio entre os canários e seu carneiro Jasmim para aliviar suas tristezas e isolamento das brincadeiras e liberdade que já não podia desfrutar junto às outras crianças, conforme relata:

— Carlinhos é doente, ninguém pode fazer raiva a ele. Isso aumentava o meu desengano, as minhas desconfianças de mim mesmo. Voltei-me para os canários e o carneiro. Eles não me falavam de doenças, não tinham medo de que eu morresse. Eram também as meditações solitárias e as conversas mudas com o meu íntimo que voltavam. Já não ia aos banhos de rio, ralhavam-me quando me viam ao sol, não podia ficar de noite na conversa na senzala (REGO, 1994, p. 99).

Em *Meus Verdes Anos*, Dedé rememora uma solidão mais intensa, mais presente em sua vida. Solidão que se fez crescente com as mortes da mãe, do primo Gilberto e da prima Lili. Na ausência destes, Dedé reencontra o amor materno na figura de Tia Maria, mas também sente a perda deste com o casamento da tia. Passa a morar com tia Naninha, mas é rejeitado por Rui, esposo da tia a quem faz referências apenas como “marido”. Estes fatos somados à asma que o aflige e restringe suas brincadeiras faz com que sua angústia e solidão sejam mais latentes que aquela sofrida por Carlinhos.

É nesse contexto que o apego de Dedé pelo carneiro Jasmim, animal presente também em *Menino de Engenho*, e por um canário chamado de Marechal -

em *Menino de Engenho* o canário Marechal não aparece - se apresenta mais intenso. Em relação ao canário Marechal, Dedé tem uma relação mais intensa de amizade, conforme o fragmento a seguir:

A minha vida passou a girar em torno do canário [...] O meu carneiro Jasmim, do engenho, nem chegava aos pés daquele canário que foi o meu maior orgulho de menino. [...] Era meu, todo meu. E assim me contentava com o exílio do Corredor. Agora nem me importava mais com a cara cheia de raiva do marido. [...] Nada me tocava. Só o meu canário valia. Dei-lhe um nome, chamando-o de Marechal (REGO, 1980, p. 343 - 345)

Nos fragmentos apresentados é possível perceber como o canário Marechal preenche a solidão de Dedé. A afeição da criança por esse animal, de certa forma, nos leva a crer que seria uma compensação às perdas sofridas em sua infância. A repetição do pronome demonstrativo *meu* no discurso “[...] Era meu, todo meu” nos leva a inferir que a solidão sofrida por Dedé foi, portanto, mais viva e latente, que a de Carlos de Melo.

2.1.4 O medo da morte

O medo da morte é universal na condição humana, conforme expõe Kovács (2008). Para a pesquisadora, é na infância que se inicia a manifestação desse medo, quando a criança gradativamente em seu desenvolvimento entra em contato com a morte.

Em *Menino de Engenho*, Carlinhos experimenta a manifestação desse medo aos 04 anos, quando sua mãe morre assassinada pelo pai, ampliando-se gradativamente com as experiências negativas que adquire ao longo de sua infância.

Carlinhos é atormentado por visões ruins e medrosas, ligando-se de maneira afetuosa, quase que dependente, de sua Tia Maria, com quem passou a viver, porém, quando do casamento desta, Carlinhos sente-se órfão pela segunda vez, foi a perda de sua segunda mãe, descrita melancólica e suavemente pelo sobrinho. Perdeu a sua companheira, aquela que tomava suas dores, o defendia da Tia Sinhazinha e lhe dava um afeto de mãe.

Em *Menino de Engenho* são frequentes os pesadelos e terrores noturnos sofridos pela personagem que se vê vulnerável e impotente mediante a vida, ligando-se, pois, ao medo do abandono e a angústia:

A morte de minha mãe encheu-me a vida inteira de uma melancolia desesperada. Porque teria sido com ela tão injusto o destino, injusto com uma criatura em que tudo era tão puro? Esta força arbitrária do destino ia fazer de mim um menino meio céptico, meio atormentado de visões ruins (REGO, 1994, p. 07)

No discurso memorialístico, o medo da morte liga-se à ameaça do rompimento de laços afetivos com os parentes próximos de Dedé como já expomos anteriormente. Porém, diferenciando-se de menino de Engenho, não é a morte da mãe que inicia o processo de medo da morte em Dedé, mas sim, do primo Gilberto e da prima Lili, conforme expõe o autor nos seguintes fragmentos:

O primo Gilberto, que fora criado pelo meu avô, tinha morrido a instantes numa dor de lado. Podia ter eu uns quatro anos, mas estas recordações ficaram vivas, pegadas à minha lembrança (REGO, 1980, p. 10).

“A morte da prima Lili me deixara impedido para ver de perto essas coisas” (REGO, 1980, p. 66).

De acordo com Vendruscolo (2005), até os 02 anos de idade o conceito de morte não é apreendido pela criança, talvez por isso, se explique o fato de que Dedé só desenvolveu o medo da morte após presenciar o falecimento do primo Gilberto e da prima Lili. Vendruscolo (2005) nos informa que nesta idade há uma associação da morte com separação e sono, ocorrendo questionamentos e associação entre a imaginação infantil e suas ações. Isso é possível constatar em *Meus Verdes Anos*: “Fiquei a me lembrar da prima Lili. Morreria também como ela? Foi nesse dia de cama que a morte me apareceu para me atemorizar” (REGO, 1980, p. 85).

Percebe-se, portanto, que o medo da morte, presente nas duas obras, apresenta algumas nuances divergentes, a exemplo do elemento desencadeador dessa manifestação. Porém, nas duas obras é esse medo um espectro que rodeia a infância dos meninos Carlinhos e Dedé.

2.1.5 Experiências sexuais

Carlos é criado sem a repressão familiar e mesmo sem os cuidados e atenções que lhe seriam necessárias diante das experiências da vida. Vê o mundo, aprende o bem e o mal e chega a uma talvez precocidade acerca dos hábitos que lhe eram "proibidos" que ele praticava com as negras, ou sozinho em seu quarto, mas inevitáveis de serem adquiridos.

O menino iniciara sua vida sexual aos dozes anos com a negra Zefa Cajá, porém, já havia aprendido muitas coisas com os primos mais velhos e os meninos da bagaceira, em suas incursões pelo curral e com o Zé Guedes, conforme percebe-se no seguinte fragmento: "O outro mestre que eu tive foi o Zé Guedes, meu professor de muita coisa ruim" (REGO, 1994, p.34). Pela ausência de orientação, torna-se viciado em sexo compartilhado com a negra Luísa e corrompido ainda na infância.

[...] os meus impulsos tinham mais anos que a minha idade [...]. O sexo crescia em mim mais depressa do que as pernas e os braços [...]. A negra Luísa fizera-se de comparsa das minhas depravações antecipadas [...]. A moleca me iniciava, naquele verdor de idade [...]. Só pensava nos meus retiros lúbricos com meu anjo mau, nas masturbações gostosas com a negra Luísa (REGO, 1994, p. 69-70).

Foi também por meio de Zefa Cajá, - negra para o sexo - que Carlinhos teve sua primeira "doença do mundo", contraindo sífilis. Porém, é importante destacar que além das questões íntimas do menino desorientado para a vida e para o sexo, temos a análise do mundo em que vivia, visto por Carlos, que é o narrador. Na realidade, a personagem envaideceu-se com sua doença: "abria as pernas, exagerando-me no andar. Era uma glória para mim essa carga de bacilos que o amor deixara pelo meu corpo imberbe" (REGO, 1994, p. 78). Isso se explica porque a sífilis não era motivo de vergonha, mas sim de virilidade. De acordo com Freyre (1980, p. 47),

[...] esta foi a doença por excelência das casas-grandes e das senzalas. A que o filho do senhor de engenho contraía quase brincando entre negras e mulatas ao desvirginar-se precocemente aos doze ou aos treze anos. Pouco depois dessa idade já o menino era donzelão. Ridicularizado por não conhecer mulher e levado na troça por não ter marca de sífilis no corpo.

Como se percebe, Carlinhos, uma criança de doze anos, corporifica a imagem masculina do homem viril que cabia ao imaginário da época. Imaginário esse que lhe foi repassado pelas lições de Zé Guedes, pelas relações estabelecidas no meio social em que vivia, e, até mesmo na relação que mantinha com seu avô.

Porém, não temos aqui uma personalidade acabada. Uma leitura atenta dos conflitos narrados pela personagem nos leva, ou melhor, nos faz retroceder à criança triste e medrosa, que nos apresenta dois extremos em sua infância: no primeiro, encontramos a infância de um menino órfão de mãe, criado pela tia Maria que faz todos os seus gostos e que vive cercado de crendices e temores. Enquanto seu extremo aponta para o abandono, para o abuso sexual, que o enquadra em um mundo adulto, transformando o mundo dessa criança em uma caricatura perversa do próprio mundo adulto. Conforme as palavras do romance:

Perdera a inocência, perdera a grande felicidade de olhar o mundo como um brinquedo maior que os outros. Olhava o mundo através dos meus desejos e da minha carne. Tinha sentidos que desejavam as botas do Polegar para as suas viagens. (p.118)

Esses extremos inserem-se no contexto social da personagem Carlos de Melo, organizando-se em função das expectativas do menino e das pretensões do avô. No primeiro caso, percebemos os elementos inocência, felicidade e brinquedo e Polegar, termos alusivos à ideia de infância. No segundo caso, o verbo *perder* escrito duas vezes nos remonta a angústia de Carlinhos em não mais sentir-se como criança, uma vez que se tornara consciente de que era depositário das projeções e anseios do avô.

Em *Meus Verdes Anos*, Dedé também inicia sua vida sexual de forma precoce, em companhia dos moleques do engenho:

Começava o meu sexo a desabrochar por aquele recanto. Víamos ali no curral a impetuosidade dos touros por cima das vacas. [...] Na casa dos carros começavam a arder minhas entranhas. Os moleques se exibiam em atitudes viris, assim como os trabalhadores do sobradinho. [...] a princípio me senti diminuído, com vergonha porque não sentia as mesmas coisas. Aos poucos o calor da vida foi aquecendo as minhas tenras carnes de menino (REGO, 1980, p. 84).

Na obra temos vários recortes aludindo ao conhecimento e às experiências de Dedé no novo mundo o qual desabrochava para si: o sexo. Entretanto, percebemos que são travessuras experimentadas inicialmente com os moleques e depois com outras meninas em sua faixa de idade as quais passaram pelo engenho, a exemplo de uma prima cujo nome não recordara (sua primeira paixão) ou Eugênia:

Vi a periquita da prima e aquilo me arrastou para a libertinagem da casa dos carros [...]. Quis correr para não ver e a menina pegou nas minhas mãos e se grudou em mim (REGO, 1980, p. 110).

Eugênia deitava-se na camarinha das carrapateiras e se espreguiçava toda de olhos piscando para mim. Foi quando chegou e me agarrou, beijando-me, a se deitar por cima de mim, furiosa não sabia por quê. Botou as minhas mãos em suas partes e, ainda hoje, me queima os dedos aquela lindeza que se arrebitava em penugens que vinham saindo (REGO, 1980, p. 162).

Em suas memórias, Zé Lins não faz menção à negra Luísa e, em um único momento apresenta Zefa Cajá, como uma das raparigas que passava pela estrada, vindo de Pilar para a feira de São Miguel.

Percebemos, assim, que o texto fictício constitui-se uma forma distinta do texto memorialístico, embora mantenha um certo parentesco com este, encontramos a integração de elementos dispares entre o real e o ficcional, a exemplo, portanto, da iniciação sexual das personagens e dos sujeitos que dividiram essa experiência.

3 CONTRIBUIÇÕES FAMILIARES NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO/MEMORALISTA

3.1 O conceito de família

Durante toda a sua existência o homem procura criar vínculos, ser e reconhecer-se no outro. E é justamente no vínculo familiar que ele vai se organizar socialmente, pertencendo a um grupo, reconhecendo-se e sendo reconhecido numa família: a sua.

De acordo com Osório (2002), a palavra família origina-se de um verbete latino (*famulus*), significando servo ou escravo doméstico. Este termo foi criado na Roma antiga para designar um novo grupo social que surgiu entre as tribos latinas, ao serem introduzidas à agricultura e também escravidão legalizada; ou seja, a família era um conjunto de escravos ou criados de uma mesma pessoa. A origem da palavra família deixa claro também a questão da possessividade das relações familiares primitivas, colocando a mulher no lugar daquela que obedece e cumpre as ordens, estando sempre apta a servir seu marido.

Minuchin (1982) *apud* Montalvão e Costa (2009), conceitua a família como sendo um sistema aberto e em transformação constante pela troca de informações com os sistemas extrafamiliares. Já para Romano (2004, p. 359), a família é “[...] um sistema intercomunicante, cujo comportamento de um dos seus componentes só poderá ser entendido a partir do contexto de todo o sistema familiar e do meio em que está inserido”, em que esta, como não é um recipiente passivo, mas um sistema essencialmente ativo, promove trocas em todas suas relações. Nesse sentido, qualquer tensão, seja no interior da família ou no exterior, trará consequências para o funcionamento do sistema familiar, exigindo transformação constante das interações familiares, a fim de dar continuidade a família e proporcionar o crescimento dos seus membros.

Essa interação das partes manterá uma interdependência recíproca capaz de controlar seu equilíbrio, porém a soma das partes será sempre menor que o todo, e qualquer mudança em uma das partes, acabando por influenciar no equilíbrio do todo.

A família pode ser definida, também, como um grupo coeso, onde os indivíduos estabelecem relações, possuem funções, compartilham cultura, crenças e saberes. Nesse processo de interações, uns entram e outros saem, porém o processo de aprendizagem e mudança é contínuo.

Galera e Luis (2002) definem as famílias em geral como grupo de indivíduos vinculados por uma união afetiva e sentimento de pertença. Já para Macedo (1994), a família seria uma unidade social por meio da qual as crianças são inseridas socialmente, permeando as relações de troca como a transmissão da cultura e dos padrões familiares, tornando-se um aliada para a conservação cultural.

Diante disto, neste capítulo apresentamos a família de Carlos de Melo, em *Menino de Engenho*, e de Dedé, em *Meus Verdes Anos*, como um todo formado por pessoas que se relacionam entre si, por parentesco e/ou por se considerarem pertencentes àquela conjunção; caracterizando-se pela união e pela influência recíproca direta e intensa na vida das personagens.

O objetivo desse capítulo é relacionar o tema família nas duas obras citadas, buscando observar as contribuições da família na estruturação do sujeito-autor, uma vez que a família é um agente de extrema importância na estruturação da personalidade e na formação da identidade pessoal e social de seus membros, pois se trata do primeiro espaço das relações humanas.

Em vista disso, o capítulo apresenta o contexto sócio-cultural e familiar nas obras *Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos* a partir da hierarquia e dos papéis que cada membro desempenha no sistema familiar, analisando a estrutura da família, como a família se adaptou a presença de Carlinhos/Dedé no engenho e de maneira influenciou o crescimento das personagens.

3.2 A estrutura familiar

Em torno das personagens que compõem o núcleo familiar dos engenho Santa Rosa e Corredor, José Lins construiu uma narrativa que não ficou apenas no registro menos ativo da memória. Em *Menino de Engenho*, incorporou os elementos memoralísticos e ontológicos para transformá-los através da criação ficcional. Em *Meus Verdes Anos*, deslocou-se de uma realidade estereotipada para uma descrição mais complexa dessas personagens, mais voltada para introspecção.

Nesse sentido, partimos para a estrutura familiar nas obras assinaladas, decompondo-a no conjunto hierárquico dos sujeitos socialmente reconhecidos.

O coronel José Paulino, avô materno de Carlinhos, encontra-se no topo da estrutura familiar, configurando a figura patriarcal da família. Na perspectiva do neto, seria o mais próximo da figura paterna descrito de forma idealizada como um ser bondoso, humilde, terno e santo, o que lhe desenvolveu um sentimento de admiração: “Ele tinha o orgulho da casta, a única vaidade daquele santo que plantava cana” (REGO, 1994, p. 92). De acordo com Jimenez (2010) a relação estabelecida com seu avô se constituiu em elemento importante para a sua formação de homem, uma vez que convivia cotidianamente com esta personagem, conforme percebe-se no seguinte fragmento:

Meu avô levava-me sempre nas suas visitas de corregedor às terras do seu engenho. Ia ver de perto os seus moradores, fazer uma visita de senhor aos seus campos. O velho José Paulino gostava de percorrer a sua propriedade, de andá-la canto por canto, entrar pelas suas matas, olhar as suas nascentes, saber das precisões do seu povo, dar os seus gritos de chefe, ouvir queixa; e implantar a ordem. Andávamos muito nessas suas visitas de patriarca. (REGO, 1994, p. 36)

Também em *Meus Verdes Anos*, o menino Dedé idealiza a imagem do avô Bubu, José Lins, como um homem justo, caridoso, bom e amado pelos trabalhadores do engenho Corredor, conforme expomos a seguir:

O meu avô às cinco horas já tinha tomado o seu banho frio e ficava a olhar o gado de leite e os trabalhadores que se botavam para o serviço. Gritava muito e descompunha como um capitão de navio. Mas tudo sem raiva, não fazendo medo aos moleques e nem temor aos trabalhadores. Era respeitado, e posso dizer mesmo que amado pela sua gente (REGO, 1980, p. 22).

Era assim o meu avô. A sua força morava na sua brandura (REGO, 1980, p. 123).

O meu avô não amava o luxo.[...] só fazia questão de ser dono, sem a menor dúvida em justiça. (REGO, 1980, p. 126)

É importante destacar que em *Meus Verdes Anos* há uma recorrência maior quanto à figura do avô. Isto é, embora nas duas obras a figura do avô seja uma constante, em *Meus Verdes Anos*, percebemos que essa recorrência é mais intensa. Por outro lado não percebemos nas obras analisadas uma atenção afetiva do avô para com o neto. Em *Menino de Engenho*, por exemplo, apenas diante da doença do

neto é que percebemos uma preocupação do coronel José Paulino, mesmo assim, o narrador pontua que essa já era uma prática comum com negros, trabalhadores, animais e netos:

O meu avô passava no meu quarto para me ver: não tinha febre, dizia, e ia-se embora. A febre, para ele, era o grande mal, e o seu grande remédio as lavagens. [...] O velho José Paulino tratava de tudo, fazia sinapismos de mostarda, dava banhos quentes, óleo de rícino, jacaratiá para vermes. Curava assim os negros, os netos, os trabalhadores (REGO, 1994, p. 81).

Também em *Meus Verdes Anos*, o avô de Dedé não demonstra, carinho, zelo ou afeto com o neto, como é possível perceber no seguinte fragmento: “Às vezes chamava-me para o seu lado na banca e passava a mão nos meus cabelos. [...] Mas nunca me deu um beijo, nunca me acariciou com exuberância (REGO, 1980, p. 322).

Esse comportamento do avô em relação ao neto talvez possa ser explicado pelo modelo de homem patriarcal que era. O avô, detentor de uma posição na hierarquia social como senhor de engenho, não se permitia a gestos de carinhos, além disso, os valores da sociedade patriarcal, exigiam que o homem fosse forte e viril, não cabendo expressões de afeto com crianças e mulheres que não passavam de seres passivos e insignificantes contrapondo-se à imagem de masculinidade requerida para um senhor de engenho, conforme expõe Carvalho Filho (2000). O homem na família patriarcal nordestina era a autoridade máxima e distante, voltado para a vida pública, para o mundo da política e do trabalho. Representante da lei, e da sociedade, mantinha-se próximo à família, como estruturador das relações no seu interior, porém, mantinha distância emocional, afetiva e psicológica. Segundo o autor, “O homem não pode (ou não consegue), dentro dessa estrutura entrar em contato emocional e afetivo com os filhos e parentela” (CARVALHO FILHO, 2000, p. 131).

Nesse contexto, é delegado à mulher da casa o papel de administradora do lar e o cuidado com os filhos. No entanto, em *Menino de Engenho*, sendo o coronel José Paulino viúvo, era a tia Sinhazinha quem assumia o papel de administradora da casa grande, ficando para Tia Maria o papel de cuidar de Carlinhos. Sob o discurso

do narrador, essas duas personagens são descritas de forma antagônica como demônio e anjo.

Tia Sinhazinha era velha de uns sessenta anos, despótica, foi casada com um dos homens mais ricos da região, de quem estava separada desde o começo do matrimônio, esta velha tirânica seria o tormento da vida do menino.

TIA SINHAZINHA era uma velha de uns sessenta anos. Irmã de minha avó, ela morava há longo tempo com o seu cunhado. Casada com um dos homens mais ricos daqueles arredores, o Dr. Quincas, do Salgadinho, vivia separada do marido desde os começos do matrimônio. Era um temperamento esquisito e turbulento. Contava-se que um dia amanhecera num engenho de seu pai, amarrada num carro de boi, com uma carta do marido fazendo voltar ao sogro a sua filha.

Era ela quem tomava conta da casa do meu avô, mas com um despotismo sem entranhas. Com ela estavam as chaves da despensa, e era ela quem mandava as negras no serviço doméstico. Em tudo isso, como um tirano, meu avô, que não se casara em segundas núpcias, tinha, no entanto, esta madrasta dentro de casa. Logo que a vi pela primeira vez, com aquele rosto enrugado e aquela voz áspera, senti que qualquer coisa de ruim se aproximava de mim. Esta velha seria o tormento da minha meninice. (REGO, 1994, p. 14)

Tia Maria ou Maria Menina, irmã de Clarice, por sua vez, era uma moça que, com ternura, amor, e carinho vai substituir a mãe de Carlos em sua memória. É o oposto de Tia Sinhazinha.

Minha tia Maria, um anjo junto daquele demônio, não tinha poderes para resistir às suas forças e aos seus caprichos (REGO, 1994, p. 15).

Tia Maria tomava conta de mim como se fosse mãe (REGO, 1994, p. 66).

Em *Menino de Engenho*, Carlinhos sente-se ligado de maneira afetuosa à Tia Maria como se ela fosse sua mãe biológica, pois era ela quem lhe dava afeto, tomando suas dores e o defendendo da tirania de Tia Sinhazinha, conforme exemplifica o trecho seguinte:

O meu ódio por ela crescia dia a dia. Numa ocasião, quando eu jogava o pião na calçada, o brinquedo foi cair em cima do seu pé. A velha levantou-se como uma fúria direita a mim, e com o seu chinelo de couro encheu-me o corpo de palmadas terríveis. Bateu-me como se desse num cachorro, trincando os dentes de raiva. E se não fosse a tia Maria, que me acudiu, ela ter-me-ia despedaçado. [...] Na hora da ceia não quis ir para a mesa. Ouvi então minha tia Maria dizer indignada:

— Num menino daqueles não se bate! É tão sentido! (REGO, 1994, p. 23).

Carlinhos também idealiza tia Maria como um santa ou fada, ela é aquela que protege os mais fracos, que demonstra seus sentimentos e que mais se aproxima de si, amando-o, cuidando de sua saúde e orientando-o dentro dos preceitos religiosos e morais.

Minha tia Maria assumia a direção da casa — e todos iam conhecer a mansidão e a paz de uma regência de fada (REGO, 1994, p. 14)
A não ser a tia Maria, que me ensinava o padre-nosso, ninguém ali me falava de catecismo. A religião que eu tinha, vinha ainda das conversas com a minha mãe. (REGO, 1994, p. 41).
A minha tia Maria ficava comigo enquanto eu me extenuava nos vômitos desesperados (REGO, 1994, p. 82)

.Em *Meus Verdes Anos*, Tia Maria também assume o papel de cuidar de Dedé, porém era a velha Janoca, avó materna do menino, geniosa, quem administrava a casa grande que, segundo o memorialista, “[...] mandava em tudo, sem porém dar boas ordens na vida de sua casa” (REGO, 1980, p. 15). A avó materna não é referendada como sendo amorosa, terna ou boa, embora nunca tivesse levantado a mão contra o neto. Porém sua figura, apresentada como sombria, provoca a aversão do menino Dedé

Tia Maria é descrita como a tia mais velha, querida pelo avô José Lins e mãe “postiça” de Dedé (REGO, 1980, p. 140). Enquanto estava solteira, cuidou da criança sempre de forma prestimosa, atenta aos cuidados com sua educação. Porém, diferente de tia Maria descrita em menino de Engenho, tia maria não é idealizada como fada ou santa, sendo criticada por tia Marocas por não ensinar os ofícios da Igreja ao sobrinho, conforme podemos perceber no trecho:

A Tia Marocas se educara no colégio em Recife. [...] E criticava muito o desleixo dos parentes em relação aos ofícios da Igreja, insistindo com a Tia Maria para que me ensinasse as rezas, o padre-nosso, a ave-maria, a salve-rainha (REGO, 1980, p. 125).

Com o noivado de tia Maria com o primo Henrique, Dedé sente o distanciamento da tia, uma vez que a mesma passa a só se importar com o casamento, preterindo-o em relação ao noivo e ao casamento:

E nada de me aperceber de que estava perdendo a minha segunda mãe. Mas tinha que acontecer. E aquela certeza me chegou como uma furada no coração. Estava a Tia Maria mostrando as compras de Recife. Cheguei mais perto e pus-me a mexer nuns objetos. Ouvei o grito de repreensão como nunca lhe saíra da boca. Um grito que me deu domínio da realidade. Já não era mais nada para ela (REGO, 1980, p. 148).

Como se pode perceber, em *Meus verdes Anos*, não existe a cumplicidade entre tia e sobrinho percebida em *Menino de Engenho*, não encontramos o mesmo zelo e amor idealizados nas recordações de Carlinhos. Tia Maria apenas cuidou da criança enquanto estava solteira, não percebemos o amor materno, atencioso que uma mãe teria por um filho. Com o casamento de tia Maria, é com tia Naninha, também solteira e filha caçula de José Lins, que Dedé passara a identificar sua terceira mãe, que para o autor passava a ser tudo em sua vida, embora não se esquecesse de sua segunda mãe, a quem tanto amava.

Em *Meus verdes Anos*, é tia Naninha quem cuida de Dedé durante suas crises de asma, que o orienta para o aprendizado das primeiras letras e o defende das travessuras e mexericos de terceiros, mimando-o e fazendo suas vontades:

Possuía, no entanto, a maneira toda sua de querer bem. Sabia que ela muito me queria. Que não me batessem, que não viessem com censuras a meu respeito. [...] estavam no Corredor os filhos de Tia Mercês. E nem sei porque o mais velho, Silvino, aproveitou do meu tamanho para me bater. A tia Naninha virou uma fera. [...] E gritou para quem quisesse ouvir:
- Não me toque no José! (REGO, 1980, p. 244)

Com o casamento de tia Naninha, Dedé mais uma vez sente a angústia de perder uma mãe para Rui, que o reprimia, contando mentiras no sentido de provocar o repúdio da tia para com a criança.

Embora outras personagens façam parte do círculo familiar apresentado em *Menino de Engenho* e, por conseguinte, ressurgam em *Meus Verdes Anos*, acreditamos que apenas as que foram citadas neste capítulo se mostram mais presentes na vida de Carlinhos e de Dedé.

Por outro lado, enfatizamos que, o tema família, apresentado nas duas obras, se faz mais contundente em *Meus Verdes Anos*, uma vez que a narrativa apresenta um cenário histórico e social da estrutura familiar rural.

De acordo com Carvalho Filho (2000), tradicionalmente, a família rural

brasileira seguia os moldes da família patriarcal, que se instalava em grandes unidades agrárias de produção, a exemplo dos engenhos de açúcar, incorporando o núcleo conjugal e seus filhos legítimos, parentes, afilhados, agregados, escravos e até mesmo concubinas e bastardos, abrigados na casa grande ou na senzala. No fragmento a seguir percebemos na narrativa um exemplo dessa estrutura: “As terras do corredor espalhavam-se em várzeas e subiam para as caatingas e os tabuleiros. De vizinhos só havia de estranho à família o Santa Fé do velho Iula de Holanda Chacon” (REGO, 1980, p. 58).

É importante destacar que nas duas obras esse modelo de família nos é apresentado, entretanto, em *Meus Verdes Anos* há uma descrição mais detalhada do movimento dessas personagens nesse espaço social, uma vez que José Lins rememora o cotidiano dos moradores do Engenho Corredor em vários espaços, tais como a casa grande, a velha senzala, a casa-de-purgar, casa dos carros e a destilação.

Também é importante observar que neste modelo de família as relações entre a criança e os adultos são estabelecidas “[...] com pouco contato afetivo e pouco diálogo”, sendo muitas vezes criadas por parentes próximos (SOUZA; RODRIGUES, 2008, p. 07). Essa observação pode ser ilustrada por vários fragmentos de *Meus Verdes Anos*, alguns já apresentados neste capítulo. Ainda de acordo com Souza e Rodrigues (2008) no modelo de família da qual fazia parte Dedé, a infância era pouco reconhecida e muitas vezes as crianças eram severamente punidas fisicamente por não apresentarem um comportamento tido pelos adultos como padrão (SOUZA; RODRIGUES, 2008). Essa assertiva encontra exemplo no fragmento a seguir:

[...] pelas manhãs, a tia Naninha me obrigava a estudar. Vinha ela mesma me forçar a ligar as sílabas, a somar quantidades. [...] As letras boiavam nos meus olhos banhados de lágrimas, pois a tia Naninha perdia a paciência com a minha obtusidade e me dava piparotes (REGO, 1980, p. 212).

É por meio de *Meus Verdes Anos*, em especial pelas histórias de Tia Maria e de Tia Naninha, que conhecemos o papel da mulher na estrutura familiar, que ainda jovem era orientada a casar, cumprido, antes de qualquer coisa, um compromisso familiar. De acordo com Carvalho Filho (2000, p. 82),

Assim, pai e mãe, conhecedores das famílias da sociedade local e com responsabilidade de “orientar as filhas”, ao proporcionarem alegres festas e saraus na fazenda, estavam cuidando da manutenção e solidificação dos laços de amizade, do patrimônio territorial e da inter-relação de famílias poderosas e oligárquicas locais.

Na obra em destaque, Tanto Tia Maria quanto Tia Naninha também são preparadas para o matrimônio. O fragmento a seguir ilustra como se deu o acerto do casamento de Tia Naninha com Rui, concunhado de um genro do Coronel José Lins:

Dessa vez o genro falou para o sogro às claras:

- É, antes de aparecer um estranho na porteira, a gente precisa tomar cautela. Naninha está mesmo carecendo de padre.

[...]

- Rui é rapaz de gênio acomodado. Não se parece com o irmão Antônio, um bestalhão de marca. Naninha vai se casar com pessoa da família.

Afinal, o fato era aquele: a Tia Naninha tinha que se casar. (REGO, 1980, p. 242).

Nesse fragmento percebemos que Tia Naninha não escolheu o noivo, mas sim, lhe foi imposto pela família, um casamento, cabendo a ela apenas aceitar com resignação.

Percebemos, na obra, que os cuidados com Dedé sempre ficaram a segundo plano, posto que à mulher cabia o papel de ser objeto das negociações casamenteiras nas estratégias de herança, uma vez que era por meio do matrimônio que se garantia a estabilidade econômica da família, concentrando e limitando os bens, a propriedade, o poder do patriarca e a hegemonia do grupo familiar .

Enfim, podemos sintetizar este capítulo em duas perspectivas: a primeira nos mostra a personagem Carlos de Melo mais próximo da família descrita em *Menino de Engenho*. Nessa obra percebemos que o discurso do narrador nos apresenta uma família mais próxima da criança, destacando a personagem Tia Maria, segunda mãe, zelosa, amorosa e cuidadosa da formação de Carlinhos. A segunda perspectiva nos apresentada pelas memórias de José Lins do Rego, temos um retrato mais detalhista e mais dinâmico da família. Percebemos uma aproximação maior do autor com a realidade histórica e social descrita, porém, não percebemos a aproximação do menino Dedé com sua família.

4 O PROCESSO FORMATIVO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO EM *MENINO DE ENGENHO E MEUS VERDES ANOS*

A subjetividade configura um sistema de representações, imagens, desejos, leis e hábitos no qual, o sujeito tanto pode a ela submeter-se, tal como foi produzida, quanto pode apropriar-se de seus elementos, transformando-a pela ação expressiva de seu agir simultaneamente social e singular (BORBA, 2001).

Neste processo de submissão ou apropriação da subjetividade, a interiorização experimentada na infância constitui a base da compreensão e apreensão do sujeito em relação mundo como realidade social, que, de acordo com Grubits (1996), correlaciona um aprendizado cognitivo carregado de alto grau de emoção. Isso posto, partimos da concepção de Michel Foucault sobre a premissa de conhecer a si mesmo para podermos entender como se processou a individualidade de Carlinhos e Dedé diante das regras de conduta e dos valores que norteavam o cenário social do engenho nas obras *Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos*, respectivamente.

4.1 O imperativo do “conhece-te a ti mesmo”

Uma das questões que consideramos importantes quando tratamos das relações sociais é a da construção do “eu”, do sujeito. O termo sujeito se refere a um núcleo do indivíduo, que rege outros comportamentos, e que está presente na consciência do próprio sujeito, em forma de representações a respeito de si mesmo, projetos de futuro, coordenação das próprias experiências e apresentação de si diante dos outros.

As visões de homem e de mundo surgem de epistemologias que, por sua vez, originam-se das motivações que as controlam. O ser humano se constitui numa trama de relações sociais e históricas, pois, na medida em que vive e sobrevive socialmente, sua prática dimensionada por suas relações com os outros; além disso, suas características não são fixas e eternas, mas determinadas pelo tempo, que passa a ser constitutivo de si mesmo.

De acordo com Araújo (2002, p. 82), a noção de sujeito “[...] incorporar uma densidade plural de sensações”, assim, constituímos-nos enquanto sujeitos na relação com os outros, seja na família, na escola ou na vida social como um todo, a

partir de uma dimensão de estranheza, de perplexidade e interrogação em relação aos demais. Nesse sentido, para que possamos compreender o outro, esse outro tem que se apresentar como estranho, produzindo “[...] sensações novas, às vezes imprevisíveis, indizíveis, incapazes de serem traduzidas” (ARAÚJO, 2002, p. 83) – e o caminho para isso não é a empatia nem a identificação com ele, mas sim conhecer a si mesmo.

Michel Foucault (2004) mostra que esse preceito de conhecimento de si mesmo está ligado, como aspecto cognitivo, a uma outra sentença mais pragmática, ocupar-se de si mesmo; cuidar de si para existir e se governar de modo autônomo.

De acordo com Foucault (2004), nós somos sempre sujeitos de relação com o outro, de comportamentos e de atitudes em geral e de relações consigo mesmo. Somos diferença: nossa razão é a diferença dos discursos, nossa história é a diferença dos tempos, nosso eu é a diferença das máscaras. Nesse sentido, o cuidado de si deve estar implantado na alma do sujeito, promovendo uma reflexão sobre os seus modos de existência, para que, assim, a trajetória de vida esteja marcada pela felicidade ante os modos de sujeição que a sociedade impõe.

Nesse sentido, Foucault (2004) mostra que, o sujeito precisa se transformar, partindo de sua condição atual para, pela a experimentação, experiência e busca da verdade, constituir-se como sujeito.

Com efeito, o sujeito se define diante do enfrentamento dos acontecimentos e das provações em sua vida, precisando dispor de preparo para tal enfrentamento por meio da verdade de cada um, colocando-se como objeto do próprio discurso.

Em vista do exposto e atento a esta posição, neste capítulo tratamos especialmente do processo de formação da identidade do sujeito (Carlinhos/Dedé) na interação com o meio em que vivem, buscando perceber nos discursos narrados a postura que adotam em meio ao sistema patriarcal.

4.2 A interiorização na construção do sujeito: a identidade apropriada

De acordo com os estudos de Grubits (1996), a formação do outro na consciência infantil se opera na identificação do sujeito com a sociedade através do sentimento de pertença, identificando-se com os acontecimentos e vicissitudes de um grupo social e de seus integrantes. Por meio desse sentimento ao mesmo tempo que o sujeito se visualiza como membro de um grupo social, também inclui em seu

mundo interno os demais sujeitos desse grupo, estabelecendo, assim, uma identidade do grupo e a sua própria como integrante deste.

Nesse contexto, a família surge como o grupo de base do desenvolvimento da identidade, convertendo-se no “[...] lugar da aprendizagem de papéis biológicos e funções sociais” (GRUBITS, 1996, p. 34). Isso quer dizer que, na relação entre a família e a criança o vínculo dos adultos com o meio social em que vivem projeta sobre esta um modelo sociocultural, de forma que se espera que a criança o transmita de forma idêntica, influenciando-a, assim, na sua maneira de elaborar seus enunciados identificatórios (GRUBITS, 1996).

Nessa direção e de acordo com o objetivo desse capítulo, tratamos a seguir de desvendar o processo de formação da identidade de Carlinhos e Dedé, em *Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos*, respectivamente, tendo como perspectiva a sociedade rural patriarcal.

A sociedade patriarcal no Nordeste brasileiro organizava-se em torno da casa grande, onde as formas tradicionais de sociabilidade centravam-se na família do senhor de engenho e na comunidade doméstica por meio de laços de afeto e sangue (OLIVEIRA, 2001).

Sendo a família e a comunidade doméstica a base dessa configuração social, o valor de cada um se dava principalmente pelo grupo que pertencia por nascimento, como é possível perceber nos seguintes fragmentos de *Menino de Engenho*:

[...] Depois mandaram-me para a aula dum outro professor, com outros meninos, todos de gente pobre. Havia para mim um regime de exceção. Não brigavam comigo. Existia um copo separado para eu beber água, e um tamborete de palhinha para “o neto do coronel Zé Paulino”. Os outros meninos sentavam-se em caixotes de gás. Lia-se a lição em voz alta. A tabuada era cantada em coro, com os pés balançando, num ritmo que ainda hoje tenho nos ouvidos. Nas sabatinas nunca levei um bolo, mas quando acertava mandavam que desse nos meus competidores. Eu sentia-me bem com todo esse regime de miséria. Os meninos não me tinham raiva. Muitos deles eram de moradores do engenho (REGO, 1994, p. 62).

É possível perceber, ainda na experiência vivida por Carlinhos, como as relações humanas se organizavam, uma vez que este recebe tratamento diferenciado na escola, revelando na consciência do menino os privilégios recebidos por ser neto do coronel Zé Paulino. Observa-se neste fragmento que o menino não se condoia em vista da injustiça feita com as outras crianças, mas ao contrário,

sentia-se bem com a situação, inferindo-se, portanto, que para Carlinhos essa relação era natural, posto que se formara em si a consciência de seu valor, enquanto neto do Coronel.

Em *Meus Verdes Anos*, também é possível perceber na memória relatada por Dedé essa mesma consciência de pertencer ao grupo familiar dominante nos é apresentada no fragmento a seguir, quando descreve a sala de aula e o privilégio obtido por esse pertencimento: “Era uma sala cheia de bancos onde só havia uma cadeira de palhinha que viera do engenho para mim. Havia meninos de pé no chão, a maioria filhos de gente da vila” (REGO, 1980, p. 208). Entretanto, não há nenhuma alusão por parte do narrador se esse privilégio era aceito por si como natural ou não.

Nesse contexto, a figura do avô se apresenta no texto marcadamente forte na vida de Carlinhos e de Dedé. Patriarcal por excelência, nas duas obras, o avô é referência marcante no ritmo dos acontecimentos narrados. Porém, a de se chamar a atenção que, em *Menino de Engenho*, a figura do avô é apresentada de maneira mais idealizada, posto que se apresenta como um herói para o menino Carlinhos. Aquele era visto como um exemplo de dignidade, brandura e honradez, ao mesmo tempo austero e bondoso. Senhor absoluto das terras, das leis e da vida dos familiares e agregados, a quem todos obedeciam com dedicação.

Em *Meus Verdes Anos*, as memórias de Dedé se despem da idealização e mostram, em alguns trechos que o avô de Dedé mais próximo do que eram os senhores de engenho, como a exemplo do excerto a seguir: “Meu avô não gostava de brigas, mas sabia manter sua importância” (REGO, 1980, p. 54). Ou no seguinte: “Sim, tudo era do meu avô, o velho Bubu, de corpo alto, de barbas, de olhos miúdos, cacete na mão. O seu grito estrondava até os confins, os cabras do eito lhe tiravam o chapéu [...]” (REGO, 1980, p. 56).

A figura do avô na construção da subjetividade das personagens Carlinhos e Dedé encontra ressonância nos dizeres de Jimenez (2010) cuja afirmação acerca da construção da masculinidade na sociedade patriarcal relata a exigência do homem com uma postura firme e ativa, estabelecendo-o como líder, sobretudo, por meio de uma postura ativa e agressiva diante da sociedade. Nesse sentido, o homem é caracterizado pela agressividade, competência e tendência a liderar os demais. Só assim lograria êxito no seu reconhecimento como homem (JIMENEZ, 2010).

Como se percebe, a figura do avô exerce influência na construção dos discursos de Carlinhos e Dedé como sujeitos como indivíduos particulares. Para Carlinhos, o avô é idealizado:

Mas o velho José Paulino não era homem para tais coisas. Ele era temido mais pela sua bondade. Não havia coragem que levantasse a voz para aquela mansa autoridade de chefe. Não tinha adversários na sua comarca. Os seus inimigos eram mais de sua família do que dele (REGO, 1994, p. 72).

Já Dedé, a medida que vai conhecendo a dinâmica do engenho, passa a construir uma outra visão do seu avô. Não uma figura que transcende o humano, mas sim um homem com fraquezas e receios, conforme se verifica nos fragmentos a seguir:

Para mim as coisas se definiam nos seus contornos. O centro de tudo era Bubu (REGO, 1980, p. 68).

O meu avô apareceu um dia. Nem parecia Bubu do Corredor. Sem a sua naturalidade, sem os brados de comando, não seria o mesmo de lá (REGO, 1980, p. 237).

Ainda retomando o ideal de homem bem sucedido, independentemente, decidido e líder, Jimenez (2010) nos informa que o homem patriarcal também era representado como aquele sexualmente ativo e dominador. Essa visão da sociedade sobre a masculinidade se apresenta constante nas duas obras analisadas.

Em *Menino do Engenho*, o sexo configura um padrão de comportamento exibido por homens do engenho como uma força masculina, que de uma forma ou de outra impulsiona o comportamento do menino Carlinhos. Para Jimenez (2010) Carlinhos seria um projeto de homem patriarcal, uma vez que, iniciar-se cedo em suas atividades sexuais, com uma das negras do engenho, adquirindo mais adiante em sua vida, uma sífilis, conforme afirma:

Foi por meio de Zefa Cajá que Carlinhos teve sua primeira doença do mundo, ficou gálico, ou seja, contraiu sífilis que, era um motivo de orgulho para os homens e para os pais, pode-se dizer toda a família se alegrava com a primeira doença-do-mundo. Carlinhos envaideceu-se com sua doença (JIMENEZ, 2010, p. 7).

Com efeito, só depois de contrair sífilis Carlinhos passou a ser visto como um homem pelos trabalhadores e moradores do engenho e, até mesmo pelos próprios familiares, a exemplo do seu avô Zé Paulino, o modelo de patriarca para o neto.

Na obra *Meus Verdes Anos*, o episódio não se repete. Embora seja frequente as aventuras sexuais do menino Dedé com negras, com a prima e meninas do lugar, não há alusão a essa concepção de afirmação da masculinidade do menino. O menino, mesmo se confrontando com o modelo de homem patriarcal, se mostra imaturo e em crise de amadurecimento que ao longo da narrativa o menino vai estabelecendo com suas ações e fantasias em torno de seu próprio corpo e de suas aflições.

De acordo com Grubits (1996, p. 74), “[...] a imagem do corpo é o traço estrutural da história emocional de um ser humano”. Assim, as aventuras sexuais de Dedé, configuram mais uma expressão do sujeito frente à emissão e recepção de emoções no contexto de desalento e solidão em que vivia que uma possível demonstração de masculinidade.

Nos caso em questão, é preciso considerar o contexto da obra. Dedé é um menino carente de afeto, da mãe, da Tia Maria e dos demais familiares. O fantasma da solidão o ronda em todo o discurso apresentado. A partir da concepção de Grubits (1996), é nesse sentido que a linguagem de desejo erótico vai se desenvolver no sujeito em relação ao outro, dando-lhe a sensação de tranquilidade às tensões vivenciadas.

Em vista do exposto, é possível considerar que o processo de formação da identidade do sujeito (Carlinhos/Dedé) na interação com o meio em que vivem, aludem ao menino Carlinhos a constituição de sujeito representativo da sociedade patriarcal dos tempos do engenho, mas não remetem a Dedé a mesma constituição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objeto de estudo a construção do sujeito em *Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos* de José Lins do Rego, tendo como parâmetro o discurso ficcional e o memorialista que perpassam os textos. Para tanto, se buscou comparar a visão de infância nos livros *Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos*, relacionando o tema família e proximidade do sujeito/autor e identificando o modo como o sujeito (ficcionalista/memorialista) se apresenta ao longo das obras.

A metodologia foi de cunho analítico-interpretativa por meio do estudo da enunciação e por meio da organização do sentido dos textos, procurando descrever, explicar o que cada texto pontua e como faz isso.

No primeiro capítulo, comparou-se os textos literários, identificando elementos presentes nas duas obras que se fizeram na construção identitária de Carlinhos e Dedé. No segundo capítulo, discutiu-se a importância da família na constituição do sujeito/autor, apresentando um perfil das personagens mais representativas na constituição da subjetividade de Carlinhos e Dedé. No terceiro capítulo abordou-se o sujeito a partir da construção subjetiva das personagens, buscando perceber nos discursos narrados a postura que adotam em meio ao sistema patriarcal.

É possível inferir que em *Menino do Engenho* o sujeito se constitui a partir do modelo patriarcal. O menino Carlinhos cresce e se desenvolve a partir do padrão social em que está inserido. É um menino com marcas de desamparo, doente, solitário, encontrando algum alento na sua tia Maria e nas aventuras com os moleques da bagaceira. É nessa interação com os meninos, com os moradores do engenho e com os trabalhadores do eito que passa a construir-se como sujeito, apropriando-se, ainda na infância da identidade de homem hierarquicamente superior aos demais, haja posto que era neto do senhor de engenho, tendo suas regalias e lições para tanto.

Dedé, por sua vez, não segue o mesmo processo. Também em *Meus Verdes Anos*, doente e marcado pela solidão, mostra-se um menino carente de afeto, fragilizado pelas trocas de “mães” e pela distância afetiva do avô. Preso ao seu mundo encontra nas aventuras amorosas a fuga para suas tensões. No caso de

Dedé não é perceptível a aproximação deste com a figura de menino criado para ser senhor de engenho, portanto, em sua construção subjetiva, a postura que apresenta em meio ao sistema patriarcal se mostra deslocada.

Menino de Engenho e *Meus Verdes Anos* são exemplos da inexistência de limites muito bem demarcados entre ficção e confissão.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Gercileni Campos de. **Subjetividade, crise e narratividade**. Revista Mal-Estar e Subjetividade. Fortaleza. V. II, N. 1, p. 79 - 91 / Mar. 2002.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Representações sociais**: aspectos teóricos e aplicações à Educação. Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994. p. 60 a 78.

BORBA, Amândia Maria de. **Identidade em construção**. São Paulo: EDUC/Univali, 2001.

CARVALHO FILHO, Benedito José de. **Marcas de família**: travessias no tempo. São Paulo: Annablume, 2000.

DABART, Christine Rufino. **Moradores de Engenho**: relações de trabalho e condições de vida dos trabalhadores rurais na zona canavieira de Pernambuco, segundo a literatura, a academia e os próprios atores sociais. Recife: UFPE, 2007.

CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura Brasileira**: origens e unidade (1500-1960). 1 ed. Reimpressa. São Paulo: Edusp, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e senzala**. São Paulo: Global, 1980.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GALERA, Sueli Aparecida Frari; LUIS, Margarida Antonia Villar. **Principais Conceitos da Abordagem Sistêmica em Cuidados de Enfermagem ao Indivíduo e sua Família**. Rev. Esc. Enfermagem. P. 141- 147. São Paulo: USP, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttextepid=S0080-6242000220006&lng=pt&nrm-iso>> Acesso em: 12 abril 2013.

GRUBITS, Sônia. **A construção da identidade infantil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

JIMENEZ, Michele de Oliveira. **A identidade masculina de "Menino de Engenho", de José Lins do Rego**. In: 1º Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários-CIELLI, Maringá – PR, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: casa do Psicólogo, 2008.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**: Modernismo. 6 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

MONTALVÃO, Thaís Angélica Garcia; COSTA, Nina Rosa do Amaral. A Concepção de Família na ótica de Adolescentes de Classe Popular. **Investigação**. V. 9,n.1, p. 63-72, jan/abr, 2009.

MOREIRA, Ana Paula Gonçalves Martins; JESUS, Maria Ângela das Graças Santana de. A subjetividade fragmentada. **CES Revista**, v. 24, Juiz de Fora. 2010, p 321-334.

OLIVEIRA, Vera Lúcia. **Poesia, mito e história no Modernismo brasileiro**. São Paulo: UNESP, 2001.

OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

_____. **Meus Verdes Anos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

ROMANO, Bellkiss Wilma. **Princípios para a prática da Psicologia clínica em hospitais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SENNA, Luiz Antonio Gomes. **Letramento** : princípios e processos. Curitiba: Ibpex, 2007.

SOUZA, Elizabeth Cristina Landi de Lima e; RODRIGUES, Maria Angélica Magalhães. **Família e paternidade**: o papel do pai na criação dos filhos. III Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira. 2008. Disponível em: <<http://www.abrapso.org.br>> Acesso em: 02 de março de 2013.

VENDRUSCOLO, Juliana. **Visão da Criança sobre a Morte**. Medicina (Ribeirão Preto) 2005; 38(1): 26-33.